**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

**RESENHA DO CAPÍTULO “O PROCESSO GRUPAL” DO LIVRO “PSICOLOGIA SOCIAL: O HOMEM EM MOVIMENTO”**

**Salvador**

**2022**

**EVELYN TELES BATISTA, FRANCINE DE ALMEIDA PEREIRA, JULIANA AZEVEDO DURÃES, JOÃO LUCAS LIMA DE MELO, REBEKA JOHANA PIRES DOS SANTOS, SUELI FONTES DE ARAUJO, TAYNÁ VALVERDE ROSA**

**RESENHA DO CAPÍTULO “O PROCESSO GRUPAL” DO LIVRO “PSICOLOGIA SOCIAL: O HOMEM EM MOVIMENTO”**

Resenha apresentada para a disciplina IPSA39 - Psicologia das Relações Humanas.

Profª. Elisabete Figueroa dos Santos

**Salvador**

**2022**

O texto o Processo Grupal, de Silvia Lane, propõe uma forma sistemática de refletir teoricamente sobre processos grupais, na tentativa de definir premissas básicas para o conhecimento concreto de pequenos grupos sociais. E, a partir da revisão de teorias sobre o grupo (dos trabalhos de K. Lewin, Horkheimer e Adorno, Loureau, Lapassade, Pichon-Rivière, Calderón e De Govia) são levantadas algumas premissas para conhecer o assunto, que são: 1) tanto o significado da existência como da ação grupal só podem ser encontrados dentro de uma perspectiva histórica e esta deve considerar a inserção do grupo na sociedade incluindo as suas determinações ideológicas, institucionais e econômicas; 2) em lugar de falar em grupo, deveria ser mais correto se falar em processo grupal, uma vez que o grupo só pode ser reconhecido dentro de um processo histórico.

Partindo dessas premissas, pode-se dizer que grupos são capazes de reproduzir aspectos ideológicos inerentes ao grupo como naturais e universais, reproduzindo, assim, ideologia com roupagem científica, uma vez que os grupos reproduzem ideologia em suas formas de organização e ação.

Lane também aponta que, o ser humano deve ser visto como produto de sua relação com o ambiente e o ambiente como produto humano, sendo, então, social. Assim, para analisarmos o homem, precisamos ter uma compreensão macro de todo o seu contexto social, estrutura e relações, bem como uma compreensão do que o indivíduo percebe, pensa e fala segundo as determinações deste contexto. Por conta disso, nós, seres humanos, temos a tendência de formar hábitos, a partir de resultados positivos prévios, e assim, surgem as instituições. E quanto mais solidificados e definidos os padrões adquiridos por esses indivíduos, mais eficiente se torna o controle dessa sociedade.

Assim, o mundo social e institucional é apenas visto como uma realidade objetiva, concreta, porém essa realidade veio sendo construída pelo próprio homem, que por sua vez é construído também pelo seu meio. De acordo com a autora, o indivíduo interioriza este mundo e o exterioriza em seus comportamentos.

Portanto, cabe à Psicologia compreender a internalização da realidade concreta e como essa realidade implica na determinação dos comportamentos do homem. O ponto de partida desse processo é justamente o nascimento do homem, que o obriga a ser sociável porque sua sobrevivência depende disso. E, assim, a introdução do homem na sociedade ocorre pela socialização primária, dentro da família e secundária, dentro das relações de produção. Logo, toda análise do indivíduo precisa necessariamente passar pelo seu contexto social, enfocando a relação dialética homem-sociedade, e os diversos momentos dessa relação.

Lane também propõe sugestões para análise do indivíduo inserido num processo grupal, a partir do materialismo dialético. Primeiro, deve-se partir da ideia de que estamos lidando com um homem alienado, ou seja, sua consciência de si e do outro são desencontradas das determinações concretas que as produzem. Esse homem sempre vai estar operando em dois níveis: o da vivência subjetiva (sua própria percepção de si e suas ações), que reproduz a ideologia do capitalismo; e o da realidade objetiva (onde ações e interações são restringidas por papéis sociais, que reproduz o cerne do sistema, a relação dominador-dominado.Segundo, é importante a análise do tipo de inserção do grupo no interior da instituição: Quais suas finalidades? Funções? É espontâneo?

Mas por outro lado, dado o estado geral da alienação, toda tarefa que esse grupo se propor a fazer, inicialmente, pelo menos, também será operada nos dois níveis citados anteriormente, só que no contexto do processo grupal.

Terceiro, a história de cada integrante do grupo impacta no processo grupal, ainda que possa ser entendida como condensada diante da proporção do grupo, se manifestando no comportamento do indivíduo.

E, em quarto lugar, é sempre ancorada nas determinações concretas do processo grupal que qualquer dialética poderá se desenvolver. É no âmbito do desempenho dos papéis dos indivíduos que é reproduzida a relação de dominado-dominador.

Esta relação se faz presente, segundo a autora, em qualquer processo dialético, emerge a contradição, negação. Sendo as contradições um efeito da própria dominação, um espectro de consciência que cria cisão via ordem das determinações concretas ou vivência subjetiva, provocando em algum nível a desalienação.

Estar em grupo é uma condição necessária para conhecer o modo que as questões sociais agem sobre o indivíduo, levando em conta que transformações sociais acontecem porque indivíduos se agrupam. Pessoas se agrupam por relações de dependência umas das outras ou por relações afetivas. De qualquer forma, os indivíduos se agrupam para garantir sua identidade social e a função que vão exercer a fim de gerar produtividade. Nessa perspectiva, o processo grupal se dá por meio de relações de produção, refletindo suas características ideológicas, econômicas, institucionais etc. Os indivíduos vão se relacionando na sociedade conforme sentem necessidades e estas precisam ser sanadas, gerando interdependência para manutenção da vida em conjunto.

Os autores citados estudam as diversas relações de grupo na sociedade em função das características e finalidades dessas relações, que vão desde interações sociais onde há um líder que promove soluções para os demais até interações nas quais há distribuição da liderança e desenvolvimento coletivo das decisões. Observando, contudo, que os grupos se processam e podem ter características uns dos outros. Os comportamentos dos indivíduos, por sua vez, se baseiam na interação com o ambiente e com os demais, se adaptando ao meio, formando padrões de comportamentos e estabelecendo valores. Assim, tudo que está relacionado ao indivíduo está diretamente ligado com o grupo ao qual faz parte e sua função na sociedade.

Essa ligação do grupo com o indivíduo, bem como as influências que as instituições às quais esses grupos pertencem exercem sobre seus membros, entram em conflito com algumas das teorias levantadas no capítulo. A autora do texto traz questionamentos advindos de outros autores, que criticam o estudo sobre microgrupos, sob a perspectiva de que é impossível generalizar suas características a partir de um ideal empírico, devido às influências das determinantes históricas sobre as relações indivíduo-grupo.

Outro elemento que chama atenção durante o texto é que a reprodução dos padrões sociais num grupo é marcado pelos papéis, máscaras, que a depender da solidificação e definição exercem pressão sobre o indivíduo, gerando submissão e cristalização, a exemplo a figura da mulher. Importante ressaltar que esses papéis se constituem sob forma de crenças que estruturam funções e níveis de trabalho. Neste ponto, é crucial para a Psicologia compreender como o comportamento individual é afetado neste simulacro.

Dessa forma o texto traz a conclusão de que o grupo vai além do ato de agrupar indivíduos, trazendo como exemplo de um mero agrupamento, pessoas reunidas em uma instituição a fim de realizar trabalhos manuais, onde cada pessoa realiza seu trabalho de forma que as relações entre si não sejam afetadas pelos serviços realizados. Para a autora, um grupo-sujeito se caracteriza pela presença de um forte compromisso entre os membros, onde o processo de conscientização grupal se perpetue mesmo diante de recursos dados pela sociedade para evitar esse processo de conscientização.